

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
ORGANIZADOR

CONFIGURAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO



Pantanal Editora
2021

Ezequiel Martins Ferreira
Organizador

**Configurações do desenvolvimento
humano**



Pantanal Editora

2021

Copyright© Pantanal Editora
Copyright do Texto© 2020 Os Autores
Copyright da Edição© 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora

Edição de Arte: A editora. Imagens de capa e contra-capas: Canva.com

Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Me. Ernane Rosa Martins – IFG
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez – Tec-NM (México)
- Profa. Msc. Lidiane Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG

- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Dra. Patrícia Maurer
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C748 Configurações do desenvolvimento humano [recurso eletrônico] / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 199p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-88319-40-6

DOI <https://doi.org/10.46420/9786588319406>

1. Educação – Aspectos sociais. 2. Desenvolvimento humano. 3. Educação inclusiva. I. Ferreira, Ezequiel Martins. CDD 371.9

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos e-books e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es) e não representam necessariamente a opinião da Pantanal Editora. Os e-books e/ou capítulos foram previamente submetidos à avaliação pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação. O download e o compartilhamento das obras são permitidos desde que sejam citadas devidamente, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais, exceto se houver autorização por escrito dos autores de cada capítulo ou e-book com a anuência dos editores da Pantanal Editora.



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).

<https://www.editorapantanal.com.br>

contato@editorapantanal.com.br

PREFÁCIO

No atual contexto político educacional que vivemos no Brasil, esta obra é um grito de resistência. A educação brasileira nos últimos anos, sobretudo a educação básica pública tem sofrido enormes ataques com propostas políticas de desmonte da carreira de servidoras/es públicas/os, de sucateamento das escolas públicas o que resulta em uma educação empobrecida, que perde qualidade cada dia mais.

As pesquisas, desenvolvidas ao longo da formação inicial e continuada de autoras e autores aqui presentes, retratam a importância de uma educação de qualidade voltada para o ensino público e pensando uma educação inclusiva, que auxilie na construção do pensamento crítico.

Organizada pelo doutorando em Performances Culturais, Ezequiel Martins, que tem ampla formação nas áreas de Pedagogia, Psicologia e Teatro, atua em diversos setores, como Psicanálise, Educação (Ensino Superior e Educação Básica), a obra reúne resultados de artigos desenvolvidos no ano de 2019 por estudantes da Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade FAN Padrão e suas/seus respectivas/os orientadoras/es.

O livro, organizado com o objetivo de contribuir para as discussões acadêmicas no âmbito da educação, conta com capítulos relacionados aos temas: educação inclusiva, ludicidade, histórias em

quadrinhos, música, abordando assuntos ligados aos mais diversos métodos e técnicas aplicados à educação infantil.

O árduo trabalho de pesquisa, ensino e escrita se mostra aqui presente e traz resultados importantes, atuais, articulados e preocupados com uma educação que seja pública, de qualidade e voltada para a formação cidadã de crianças e adolescentes. Além de ser uma produção textual das pesquisas desenvolvidas, também trazem ampla discussão bibliográfica e embasamento teórico nas mais diversas áreas. Acreditamos na importância da formação inicial e continuada de pesquisadoras/es da educação, bem como em um ensino que seja libertador.

Convido você leitora, leitor a apreciar os diversos capítulos aqui presentes e conhecer mais sobre as pesquisas no âmbito educacional. Que esta obra possa inspirar futuros trabalhos.

Aline Ferreira Antunes

Brasília, novembro de 2020.

APRESENTAÇÃO

O principal papel da educação é possibilitar ao sujeito que este se desenvolva plenamente em todas as suas potencialidades. Tendo esse papel em vista, este livro se apresenta como resultado de projeto na Faculdade FAN Padrão que se destinou pesquisar sobre as diversas possibilidades de desenvolvimento abarcando as peculiaridades de uma visão de educação inclusiva e metodologias voltadas para o lúdico e as artes em suas contribuições para a aprendizagem e desenvolvimento humano.

Em *Era uma vez...: a magia da contação de histórias no desenvolvimento infantil* encontramos um artigo ilustrando as possibilidades didáticas da contação de histórias dentro do universo infantil e sua importância para o desenvolvimento de várias funções necessárias à infância.

Ainda contando com articulações artísticas, temos em *A música e a afetividade no desenvolvimento infantil* o foco no desenvolvimento da afetividade na fase da Educação Infantil a partir de recursos sonoros. Dentro dessa mesma perspectiva, mas de modo mais teórico, *A afetividade na Educação Infantil* apresenta um vasto panorama da discussão sobre a necessidade de se desenvolver a afetividade na primeira fase da infância.

Avançando da Educação Infantil para os anos que se seguem, temos em *HQs: um caminho para a alfabetização* as possibilidades de articulação com a aprendizagem da leitura por

meio de mídias diversas como as histórias em quadrinhos (HQs) que se mostram mais atrativas para a criança e ainda um importante aliado no processo de alfabetização.

Em *Métodos Ativos Da Educação: Autonomia E Liberdade No Desenvolvimento Infantil* temos a apresentação de alguns métodos ativos, com principal foco no método Montessoriano para pensar para além do ensino tradicional. Já em *A educação: processo basilar na formação do cidadão* a discussão vai para a função de formação social que a educação possui.

O texto *Reflexões sobre uma prática pedagógica inclusiva (TDAH)* apresenta um panorama sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, assim como as contribuições da Neuropedagogia para os alunos com o TDAH.

Espero que tenham uma ótima experiência de leitura e que as reflexões conduzam a novos olhares e descobertas.

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

Prefácio	5
Apresentação	7
Sumário	9
Capítulo I	12
Era uma vez...: a magia da contação de histórias no desenvolvimento infantil.....	12
Onde tudo começa.....	15
Vem que eu te conto.....	24
Contando e encantando.....	29
Considerações Finais.....	37
Referências.....	39
Capítulo II.....	42
A música e a afetividade no desenvolvimento infantil	42
A afetividade no desenvolvimento da criança.....	44
A música e a afetividade no desenvolvimento da criança.....	58
A música, a afetividade e suas contribuições	64
Considerações Finais.....	71
Referências.....	73
Capítulo III	76
A afetividade na educação infantil.....	76
As relações que atenuam o ciclo afetivo.....	80
As relações afetivas no processo de ensino-aprendizagem ...	96
O emprego dos fatores que expressam a afetividade o meio escolar.....	100

Considerações Finais.....	103
Referências.....	105
Capítulo IV.....	107
HQS: um caminho para a alfabetização	107
Da alfabetização:.....	110
Do letramento:.....	114
Alfabetização e letramento no contexto escolar:	117
Processos de alfabetização e letramento anos iniciais do ensino fundamental:	119
A linguagem dos quadrinhos:.....	122
A utilização de HQs na alfabetização:	123
Considerações finais:.....	129
Referências.....	131
Capítulo V	133
Métodos ativos da educação: autonomia e liberdade no desenvolvimento infantil.....	133
O que é ser criança ao longo do tempo?.....	136
Crescimento e desenvolvimento infantil: as quatro fases	138
Educação infantil: desenvolvimento dos aspectos cognitivos e sociais.....	140
A liberdade e a autonomia no desenvolvimento infantil	145
Métodos ativos da educação: Montessori, Dewey e Decroly	149
Considerações Finais	156
Referências.....	158
Capítulo VI.....	161
A educação: processo basilar na formação do cidadão	161

Desenvolvimento.....	163
Educação: direito assegurado por lei	164
Concretização da lei.....	166
A importância do conhecimento científico.....	167
Contribuição da Psicologia no processo de aprendizagem .	169
Professor: instrumento de transformação.....	171
Considerações Finais	172
Referências.....	174
Capítulo VII	176
Reflexões sobre uma prática pedagógica inclusiva (TDAH) ...	176
Conceito do TDAH	178
A criança com TDAH e o aprendizado	181
Tratamento	183
A importância do professor no processo aprendizagem do educando com TDAH	184
A Neuropedagogia.....	188
Considerações finais	190
Referências Bibliográficas.....	191
Sobre o Organizador	194
Sobre os Autores.....	194
Índice Remissivo.....	197

Capítulo III

A afetividade na educação infantil³

Alessandra Lacerda Nascimento
Me. Ezequiel Martins Ferreira

Resumo: A afetividade, neste trabalho, tem o objetivo de compreender e ampliar os conhecimentos advindos do relacionamento afetivo na função de afetar a relação professor-aluno no processo de construção da aprendizagem e, assim, sistematizar o desenvolvimento do aluno nessa interação. Os professores e a comunidade escolar auxiliam nesse propósito de identificar os meios em que possa haver a interação e a integração entre alunos, professores e conhecimento. O desenvolver é identificar o elo entre o conhecimento e sua aquisição pela criança. A valorização da união entre a sensibilidade e do ambiente para reforçar o conhecimento. A escola é o ambiente que poderá garantir o interesse nesse lugar de desenvolvimento para que ocorra o reforço positivo de suas aprendizagens. Os membros da mesma comunidade podem se comunicar, se relacionar e interagirem reforçando as experiências individuais de crescimento do conhecimento. Os professores são os mediadores para trabalhar a afetividade no ambiente escolar e influenciar e muito o desenvolvimento, para a criança construir seu conhecimento.

Palavras-chave: Afetividade. Conhecimento. Desenvolvimento. Ambiente. Escola.

Este capítulo sobre a afetividade na relação professor/aluno visa refletir o relacionamento em sala de aula entre as crianças e os outros participantes no processo de construção da aprendizagem e, assim, identificar o desenvolvimento do aluno nessa interação. A afetividade é muito importante como auxílio para a aprendizagem, para demonstrar afeto, na demonstração da simpatia, da paixão e do respeito entre os professores. Criando uma relação positiva entre professores e alunos, conseqüentemente os alunos desenvolverão melhor sua autoestima, vontade e pensamento, que são fundamentais para o desenvolvimento da criança e, assim, aprender uma variedade enorme de conhecimentos.

O objetivo foi identificar como o professor passa a ser um elo entre o conhecimento e a aquisição do mesmo para a criança, estabelecendo caminhos que atenuem, utilizem e valorizem os seus sentimentos. Dessa forma, a criança se sentirá protegida e acolhida. O professor pode mostrar paciência e a atenção, tornando a criança o sujeito que irá ter interesse em aprender e lidar com as pessoas e os desafios que estão na sua redondeza.

Wallon (1971) atesta que:

Meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e

contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage (Wallon, 1971).

Wallon (1971) assegura que a presença adulta é de suma importância para que possa ajudar a criança a conquistar a satisfação, buscar a autonomia na realização e concretização de seus anseios, mantendo ou criando elos com aqueles que estão à sua volta. A união entre a sensibilidade do professor e do aluno tende a influenciar o ambiente, reforçando o que lhe é construído ou descoberto.

Ao abordar a escola como espaço para análise, objetivou-se enfatizar as necessidades de proporcionar à criança a escola como um ambiente mais agradável e garantir que a mesma possa ter interesse nesse lugar de desenvolvimento afetivo e significativo, para que haja o reforço positivo de suas aprendizagens. O ambiente precisa estar, principalmente, preparado pelos educadores com situações que possam levar o aluno a vencer seus desafios. Da mesma forma, os indivíduos, em uma mesma comunidade, têm capacidade de se comunicarem de maneira mais objetiva e em seu próprio costume, provocando os demais a se interagirem e relacionando-se, gerando referências valiosas para o crescimento do aprendizado comunitário de todos, mas respeitando as diferenças existentes entre os membros da comunidade escolar e, assim, reforçar a experiências individuais de crescimento do conhecimento.

O mais importante é saber respeitar uns aos outros nessa relação de confiança que, tão poeticamente, atesta-se de afeto, independentemente de cor, raça e crença e que a criança possa mostrar sua igualdade para todos nós. O desenvolvimento emocional da criança e suas conseqüências, como confiança, lealdade, segurança, entre outros sentimentos, são de grande valia no processo de aprendizagem do aluno. O professor é, talvez, a peça mais capaz e importante para demonstrar afeto e emoção e gerar sujeitos que irão sentir-se acolhidos pela comunidade escolar, demonstrando confiança e segurança aos alunos. Percebe-se que o laço entre professor e aluno se fundamenta como um conjunto no qual estão relacionados: amor, devoção, autoestima e valores, que fazem parte de uma aprendizagem agradável e sadia. Essa junção de sentimentos se torna uma mistura positiva que proporcionará o crescimento como ser social e intelectual do sujeito em desenvolvimento.

A educação afetiva é democrática. Atinge todos os envolvidos, independentemente da faixa etária, que tenham vez e voz, que possam expressar suas necessidades, as suas opiniões, pois a afetividade pode fazer com que o adulto ensine à criança a reciprocidade e, então, eles possam se comunicar de forma harmoniosa. Os professores conseguem sua linha de comunicação e a criança já começa a desvendar e aprender a lidar com suas diversas emoções e sentimentos. O mediador da construção do

conhecimento pode fazer o uso das ferramentas (sentimentos variados) para trabalhar a afetividade em sala de aula e trazer o aluno para perto de si e, conseqüentemente, começar a instigar o aprender.

Estas considerações são muito importantes para a aprendizagem de cada aluno, uma vez que esses aspectos influenciam o desenvolvimento, apontando os caminhos para o conhecimento. É possível, então, afirmar que não há aprendizado sem afetividade.

Assim, neste capítulo, os pensamentos e teoria de afetividade foram permeados pelos estudos e influências de Almeida e Mahoney (2014), que tem no livro “Afetividade e aprendizagem” um rico material para nortear as palavras e pensamentos que levaram à defesa dessa ideia. Ainda há a presença de três referências na Educação Infantil, que não poderiam nunca ficar de fora por serem pilares no assunto, que são Vygotsky (2010), Piaget (1962; 1983; 2011) e Wallon (1971).

AS RELAÇÕES QUE ATENUAM O CICLO AFETIVO

A afetividade é muito importante no auxílio da aprendizagem e demonstração de carinho, simpatia, paixão e respeito. Na Educação Infantil, a relação afetiva pode ser um forte aliado e facilitador no processo de aprendizagem da criança, lembrando que podem ocorrer tanto no convívio social quanto no escolar. Essa afetividade deve ser norteadada por direitos e deveres

que, tanto a criança quanto o mediador, respeitem. Almeida e Mahoney (2014) especificam que a afetividade:

Refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. A teoria apresenta três momentos marcantes, sucessivos, na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão. Os três resultam de fatores orgânicos e sociais e correspondem a configurações diferentes e resultantes de sua integração: na emoção, há o predomínio da ativação fisiológica; no sentimento, da ativação representacional; na paixão, da ativação do autocontrole (Almeida; Mahoney, 2014).

Segundo Almeida e Mahoney (2014), a afeição contém elementos que viabilizam o ser externo e o ser interno a se comunicarem, por apresentar os três elementos conectivos: emoção, sentimento e paixão, deixando-os interligados a fatores sociais que irão determinar os resultados de sua íntegra utilização, condicionado uma futura autonomia que irá ser vital. Almeida e Mahoney (2014) explicam as três fases da afetividade:

Emoção – é a exteriorização da afetividade, é sua expressão corporal, motora. Tem um poder plástico, expressivo e contagioso; Sentimento – é a expressão representacional da afetividade, não implica reações instantânea e direta como na emoção; Paixão – revela o aparecimento do autocontrole como condição para dominar uma situação (Almeida; Mahoney, 2014).

O elemento emoção é aquele que expressa de forma corporal-motora e tem a ação expressiva e contagiosa de ligação

orgânica, que estabelece os primeiros contatos com mundo humano, físico e cultural. Ela se diferencia por padrões posturais como raiva, medo, ciúmes, tristezas, alegrias etc. Ela fundiu as participações entre os indivíduos, estimulando o desenvolvimento cognitivo.

O segundo elemento é o sentimento, que é representacional, pode ser expresso por mímica ou linguagem, o adulto tem maior variedade e não realiza reações diretas e instantâneas, como na emoção, mas tende a impor controles, como: observar antes de agir e saber como e onde expressá-lo, interpretando o motivo e circunstâncias.

O terceiro elemento conectivo é a paixão, que expõe o autocontrole condicionando-o, a dominar a situação para configurar a compreensão mental e comportamental, visando atender às necessidades afetivas. Isso promove uma visão bem interessante de Gomes e Melo (2010), que afirmam que “afeto diz respeito àquilo que afeta, ao que mobiliza, por isso reporta à sensibilidade, às sensações. Podemos, ainda, referir afeto como ser tomado por atravessado, perpassado, quer dizer: afetado. Esse atravessar, perpassar é o que propriamente dá o caráter de afecção” (Gomes; Melo, 2010).

Gomes e Melo (2010) apresentam, de forma contundente, que o afeto é mobilizador e sensibilizador e que tornará o oferecido mais acessível. A relação professor-aluno já é sabida e vivenciada há

muito tempo. Há uma necessidade da utilização do afeto de forma mais atenuada no processo e ação escolar. Para que os alunos possam também beneficiar-se desta interação afetiva, é necessário que o professor se expresse para que os alunos possam depositar seus sentimentos e, assim, se sintem acolhidos e protegidos.

O afetar, que é a relevância de três elementos conectivos (emoção, sentimento e paixão), necessita de um cenário para a sua atuação. Sendo assim, o cenário que se escolheu foi o processo de construção da aprendizagem em âmbito escolar e, como diz Gomes e Melo (2010), é vital afetar reportando sensibilidade. Com esse juízo, recorreu-se às duas grandes referências da Pedagogia na Educação Infantil, Vygotsky e Piaget, juntamente com o pensador da afetividade, que é Wallon.

Segundo Almeida e Mahoney (2014), Wallon é descrito como o pensador da afeição na educação. Sua teoria relatava que os traços psicológicos em cada etapa infantil pudessem atenuar a evolução mental no processo de construção do conhecimento da criança e apresenta a necessidade de mediador compassivo de afeto para transformar o processo do aprender em uma maravilhosa e marcante experiência.

Por serem vários os sentimentos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem é importante se valorizar cada estímulo, pois são vitais para que o aprender se faça possível de forma mais abrangente e simplificada na construção do conhecimento infantil.

Com a visão de afetividade, Wallon apresenta os estágios para representar o desenvolvimento infantil, porém serão abordados somente os três primeiros por referir-se à faixa etária de alunos da Educação Infantil.

O primeiro estágio chama-se Impulsivo-Emocional, que varia dos primeiros meses até um ano. Há duas fases nesse estágio: a primeira parte é a impulsiva, que está dentro do período de 0 a 3 meses, e as características dessa fase são exploração do próprio corpo, realização de movimentos descoordenados, resposta às necessidades biológicas e a visão é embaçada, sem nitidez. A outra fase, que é a emocional, varia entre 3 meses a 1 ano; as suas características são a imitação e a seleção de gestos e, essas duas partes integram o primeiro Estágio Impulsivo-Emocional. Almeida e Mahoney (2014) apresentam de forma bem específica que

No 1º estágio – impulsivo-emocional (0 a 1 ano) – a criança expressa sua afetividade através de movimentos descoordenados, respondendo a sensibilidades corporais:

proprioceptiva (sensibilidade dos músculos) e interceptivas (sensibilidade das vísceras). O recurso de aprendizagem nesse momento é a fusão com outros. O processo ensino-aprendizagem exige respostas corporais, contatos epidérmicos, daí a importância de se ligar ao seu cuidador, que segure, que carregue, que embale. Através dessa fusão, a criança participa intensamente do ambiente e, apesar de percepções, sensações nebulosas, pouco claras, vão se familiarizando e apreendendo esse mundo, portanto, iniciando um processo de diferenciação (Almeida; Mahoney, 2014).

Nesse estágio Impulsivo-Emocional, a criança ainda não tem um poder de diferenciação racional. Ela se vê como ser único e busca uma fusão do seu eu em expansão para os que o cercam e, assim, se faz parte do mundo no qual está. Este estágio vem desde o ventre materno e é a primeira relação com o meio, assim é apresentada pela mãe que, ao atender às suas necessidades, cria um processo de comunicação, no qual ambos se comunicam de forma única.

O segundo estágio chama-se Sensório-Motor e Projetivo, que varia dos doze meses até três anos. Ocorre uma divisão de fases nesse estágio, sendo a primeira divisão a Sensório-Motor, que está dentro do período de 12 a 18 meses. As características dessa fase são exploração do espaço físico, definindo uma ideia própria dos espaços e objetos que o cercam, buscando entender como funcionam por meio de descobertas e o que podem fazer com o que descobrem; usa os sons como meios de comunicação, utilizam os símbolos ou associações irreais, fantasiosas, para contextualizar-se com o meio. A segunda divisão é chamada de Projetiva, que permeia o período de dezoito meses a três anos e as características são imitações, simulações de situações, utilizam também a linguagem simbólica para criar e resolver os dilemas nas brincadeiras e são capazes de elaborar problemas, resoluções e estratégias nas brincadeiras para alcançar o que almejam. Para Almeida e Mahoney (2014) é:

Configurações do Desenvolvimento Humano

No 2º estágio – Sensório-Motor e Projetivo (1 a 3 anos) – quando já dispõe da fala e da marcha, a criança se volta para o mundo externo (sensibilidade exteroceptiva) para um intenso contato com os objetos e a indagação insistente do que são, como se chamam, como funcionam. O processo ensino-aprendizagem no lado afetivo se revela pela disposição do professor de oferecer diversidade de situações, espaço, para que todos os alunos possam participar igualmente e pela sua disposição de responder às constantes e insistentes indagações na busca de conhecer o mundo exterior e, assim, facilitar para o aluno a sua diferenciação em relação aos objetos (Almeida; Mahoney, 2014).

No Sensório-Motor e Projetivo, a criança terá uma relação mais atenuada com o meio, que é onde a criança irá projetar-se com objetos e se relacionar com tudo que está ao seu redor, que pode ser objetos ou pessoas, e desenvolver uma relação de real com irreal para satisfazer seus anseios.

O terceiro estágio denomina-se Personalismo, que está entre três e seis anos. Diferentemente dos outros estágios, não há divisão classificada, porém há uma limitação etária para as ações que permeiam este estágio. Dos três aos quatro anos ocorrem situações opositivas insistentes, com utilização demasiada da palavra “não” passa a utilizar sua autonomia de forma arbitrária. Utiliza-se o primeiro pronome pessoal “eu” para dar ênfase à sua pessoa. A partir dos quatro anos até os cinco anos, o narcisismo é algo predominante em suas ações e utiliza de sedução e agrados para se impor como presença. Sucede que, dos cinco aos seis anos de idade,

a criança passa a representar o outro, objetos e espaços por imitação.

Mahoney e Almeida (2014) apontam que:

No 3º estágio – Personalismo (3 a 6 anos) – existe outro tipo de diferenciação – entre a criança e o outro. É a fase de se descobrir diferente das outras crianças e do adulto. (...) Como, neste estágio – Personalismo –, a direção é para si mesma, a criança aprende principalmente pela oposição ao outro, pela descoberta do que a distingue de outras pessoas. Como agora está se descobrindo como diferente dos outros, está rompendo com o sincretismo entre ela e os outros (Almeida; Mahoney, 2014).

Neste terceiro estágio, Personalismo, a inteligência da criança visa elaborar novas formas de personalizar o seu querer. A sua forma de se ver a condiciona a ver as suas diferenças em relação ao outro e, assim, atenuar o sincretismo social, que é a interação de várias ideologias e culturas das pessoas que fazem o seu meio social.

A visão de Piaget, interacionista, e a visão de Vygotsky, sociointeracionista, estão interligadas em todo o processo de aprendizagem e crescimento social e cognitivo da criança. Baseando-se nestes fundamentos, visamos explicar que a afeição pode ser uma ferramenta de unificação na construção do alicerce da aprendizagem, pois Vygotsky prima pelo pensamento e a linguagem simultânea; enquanto Piaget já vê o pensamento e a linguagem distintamente, seguindo uma visão de dentro para fora, ou seja, para Piaget o pensamento é um fator interno que se antecipa às ações externas como linguagem ou comunicação com o meio social.

O psicólogo Vygotsky afirmava que o desenvolvimento humano acontece a partir do envolvimento com seu meio, em sua ação histórica, cultural e social e, assim, o desenvolvimento ocorre de fora para dentro, de acordo com o meio social em que esteja inserido. Importante ressaltar que a linguagem tem duas funções básicas: O intercâmbio social – que é bem visível ainda na fase bebê, pois, por meio de gestos, expressões e sons, eles reproduzem seus desejos e necessidades; e o pensamento generalizante, que se apresenta quando se fala um signo e logo representa com um símbolo. Nas funções da linguagem básica, a criança desenvolve as funções psicológicas superiores onde são capazes de pensar, decidir e agir por seus próprios desejos.

Quando se trata de Vygotsky, o pensamento é que a criança precisa alimentar-se de informações do meio e, assim, ela poderá compreender e apreender com tudo que a cerca. Para o teórico, a interação que cada ser tem para com o ambiente onde vive, torna a experiência diferenciada, o que ocasionará o “seu” olhar para o que lhe foi apresentado, e é por conta dessa natureza de ver esse “olhar individual” que a sua teoria recebeu o nome de socioconstrutivismo, ou seja, a criança constrói pelo seu social. Com essa ideologia, ele supera as ideias pedagógicas de que o aprender se dá pela transferência, afirmando que se dá, sim, pela construção das suas aquisições sociais. Vygotsky (2010) entende que:

Configurações do Desenvolvimento Humano

Psicologicamente, a criança não é um adulto em miniatura. Ela modela sua própria cultura primitiva; embora não possua a arte da escrita, ainda assim escreve; e ainda que não possa contar, ela conta, todavia. Os estudos empíricos dessas formas primitivas de aculturação não apenas nos ajudarão a obter uma compreensão melhor da criança, mas também ajudar-nos-ão a traçar a gênese das formas mais importantes de habilidades culturalmente adquiridas, que são instrumentos importantes da vida do ser humano adulto e civilizado (Vygotsy et al, 2010).

O conjunto de contatos e mudanças que a aculturação promove passa a ser um instrumento muito valioso na construção do ser civilizado. Isso acontece principalmente na fase infantil, pois a criança está em um processo de formação de caráter e de opinião, levando-se em conta o meio em que está inserida.

A bagagem de experiências adquiridas mesmo antes de a criança chegar ao ambiente escolar faz com que já chegue ao ambiente com certo conhecimento adquirido. Vygotsky, ao analisar os animais, percebeu que existe uma inteligência prática no homem, o qual se utiliza de instrumentos para resolver seus desafios. Assim, ele desenvolveu o conceito de que a linguagem, o pensamento e a resolução dos problemas são nominados de linguagem intelectual.

Ao analisar as crianças de zero até dois anos de idade, percebeu que elas utilizam uma linguagem de gestos, expressões faciais, gritos para se fazerem entender pelas pessoas que as cercam. Esta fase foi denominada de fase pensamento pré-verbal. Quando começa a resolver seus desafios, é chamada de fase pensamento

intelectual. A união dessas duas fases compõe a terceira: a fala social, que exprime seus desejos e pensamentos aos seres adultos, isto é, a fala egocêntrica, que visa não ser entendida por adultos, e a fala interior, que é chamada de reflexão. Além dessas fases e das falas, o que mais importa para o teórico é que o ambiente é fundamental para o desenvolvimento da criança e que ocorre de fora (meio externo) para dentro, assim internalizando o conhecimento vindo do contexto social.

A internalização está ligada diretamente à fala do outro e acontece quando ela se apropria do dito e rediz, dando início ao processo de socialização. A relação com os adultos produz pensamento, utilização das palavras e culturas. A socialização, aos olhos de Vygotsky, se dá em três níveis: Zona de Desenvolvimento Real, Potencial e Proximal. Zona de Desenvolvimento Real são as conquistas realizadas pela criança que as ajudam a resolver seus desafios. Zona de Desenvolvimento Potencial é quando a criança tem condições de executar ações e que precisa de auxílio de alguém mais capaz. Zona de Desenvolvimento Proximal é a distância entre a Zona Real e Zona Potencial – na verdade, é o caminho entre as duas primeiras zonas citadas.

Quando a criança inicia sua frequência na escola, ela está no processo de aprendizagem, ou seja, quando chega à escola, está no desenvolvimento real, que é a influência da cultura ao seu redor, auxiliando na interação social. Com o auxílio do professor no

processo de aquisição de aprendizagem, estabelece-se o desenvolvimento potencial.

Um fato surpreendente, e até hoje desprezado, é que as pesquisas sobre o desenvolvimento do pensamento no estudante costumam partir justamente do princípio fundamental desta teoria, ou seja, de que este processo de desenvolvimento é independente daquele que a criança aprende realmente na escola. A capacidade de raciocínio e a inteligência da criança, suas ideias sobre o que a rodeia, suas interpretações das causas físicas, seu domínio das formas lógicas do pensamento e da lógica abstrata são considerados pelos eruditos como processos autônomos que não são influenciados, de modo algum, pela aprendizagem escolar (Vygotsy, 2010).

A capacidade infantil de pensar e de racionalizar não se fundamentaliza somente no espaço onde ela vivencia; assim, não limita o seu aprender somente no âmbito escolar, mas a todo o espaço onde possa passar. As perspectivas infantis variam, assim como o seu potencial de acolher todo o material exposto intencionalmente ou não.

O olhar de Jean Piaget é bem mais introspecto que o de Vygotsky, pois, a seu prisma, apresenta a construção do conhecimento da criança de dentro para fora. Isto fica evidente quando ele diz que “o desenvolvimento psíquico, que começa quando nascemos e termina na fase adulta, é compatível ao crescimento orgânico” (Piaget, 1983). O desenvolvimento é uma ordem sequencial de aquisição. O desenvolvimento infantil,

segundo Piaget, se dá em estágios, porém serão apresentados somente os estágios que envolvem a faixa etária da Educação Infantil.

Pode-se dizer que o olhar de Jean Piaget primava por uma construção de conhecimento que vinha do que a própria criança produzia e que era necessário sintetizá-lo e transformar o seu conhecimento em seu produto. Ocorre uma constante transformação no olhar da criança, a fim de melhor assimilar e a se acomodar ao meio onde esteja e as informações implicadas a ele. O autor apresenta que:

Levando em conta, então, esta interação fundamental entre fatores internos e externos, toda conduta é uma assimilação do dado a esquemas anteriores (assimilação a esquemas hereditários em graus diversos de profundidade) e toda conduta é, ao mesmo tempo, acomodação destes esquemas a situação atual. Daí resulta que a teoria do desenvolvimento apela, necessariamente, para a noção de equilíbrio entre os fatores internos e externos ou, mais em geral, entre a assimilação e a acomodação (Piaget, 2011).

O processo de construção da aprendizagem equivale, segundo Piaget, à vitalidade de que haja, entre os elementos internos (assimilação) e externos (acomodação), um equilíbrio que beneficiará a criança. Esse processo que Piaget apresenta mostra que a criança tem sua própria autonomia de forma cronológica.

O primeiro estágio é o Sensório-Motor, que inicia a partir de zero e vai até dois anos de idade, no qual a percepção e ação se

encontram por meio de início de suas coordenações motoras e das relações de ordem entre as ações; assim, a criança percebe que ações suas irão influenciar as ações de terceiros à sua volta. As sensações começam a ser percebidas e as interferências nas alterações exteriores ocorrem mediante a inteligência anterior à racionalização da fala, que leva a perceber o real mesmo antes de começar a falar. Apesar de nos primeiros meses a criança ainda não dominar suas coordenações e ir evoluindo mês a mês. Quando se aproxima dos nove meses, ela já diferencia os objetos e até mesmo o próprio corpinho e, assim, começa a testar as possibilidades que estão em seu campo sensorial. Dado a este fator, justifica-se o fato de que, quando a criança não vê a mãe, imagina que ela não exista. Ao estimular a criança, ela começa a entender que as coisas que não lhe são vistas ainda podem existir. Sobre o estágio sensório-motor, Goulart (2005) afirma que:

No decorrer desta faixa etária, a criança desenvolve uma inteligência prática, ou seja, uma inteligência realizada através das percepções e dos movimentos, com uma coordenação sensório-motora das ações, sem o uso exato do pensamento. Esta inteligência resolve alguns problemas de ação, como, por exemplo, alcançar objetos afastados ou escondidos, entre outros. Este período poderá se dividir em três sub estágios, um deles referente aos reflexos do recém-nascido, e os outros dois são relativos à organização das percepções e hábitos e à inteligência totalmente sensório motora (Goulart, 2005).

O importante é a compreensão de que o estágio sensório-motor apresenta a importância dos atos instintivos da criança e das possibilidades de atenuação quando são estimulados, e esses estímulos são mais potencializados quando envoltos de afeto.

O segundo estágio, o Pré-Operatório, inicia-se no período de dois a sete anos de idade, quando a criança começa a representar ações da realidade no seu próprio entendimento, por sua capacidade de pensar em objetos mesmo quando não os vê e, assim, acaba por auxiliar no processo da fala, fase essa onde as histórias são criadas e o egocentrismo é elevado, dando a si mesma a importância única em todos os seus contos, muitas vezes os contam sozinhas. Além disso, ela acredita que todas as ações são voltadas a sua própria pessoa, o que inicia um pensamento lógico. É uma fase de confusão de números e quantidades e, assim, é também a hora da internalização das regras, valores e noções de erros e acertos. São incapazes de perceberem sozinhas do que pode vir a produzir.

Jean Piaget buscava apresentar a construção do conhecimento da criança por intermédio da assimilação e acomodação e, por um mediador, acontece a evolução mental. Ele se refere a estágios que acontecem de forma lenta, obedecendo a uma linha quase generativa, que irão acompanhar a criança da Educação Infantil até a fase de doze anos. São seis estágios referentes à Educação Infantil, segundo a teoria de Piaget: estágios do reflexo, primeiros hábitos motores, senso-motora (prática),

inteligência intuitiva, ou seja, a primeira e segunda infância. Piaget afirma que estes estágios são gradativos e sequenciais e são de fora para dentro, além estabelecer uma ordem:

1º - O estágio dos reflexos, ou mecanismos hereditários, assim como também das primeiras tendências instintivas (nutrições) e das primeiras emoções; 2º - O estágio dos primeiros hábitos motores e das primeiras percepções organizadas, como também dos primeiros sentimentos diferenciados; 3º - O estágio da inteligência sensorio-motora ou prática (anterior à linguagem), das regulações afetivas elementares e das primeiras fixações exteriores da afetividade. Entre os primeiros estágios, constituem o período da lactância (até por volta de um ano e meio a dois anos, isto é, anterior ao desenvolvimento da linguagem do pensamento); 4º - O estágio da inteligência intuitiva, dos sentimentos interindividuais espontâneos e das relações sociais de submissão ao adulto (de dois a sete anos, ou a segunda parte da primeira infância) (Piaget, 2011).

Ao simplificar os campos de visão dos três pensadores que norteiam esta pesquisa, depara-se com três peças fundamentais para o melhor aproveitamento do ensino e da aprendizagem infantil. Ao mesclarmos os três, pode-se criar uma nova forma de apresentar o processo de aquisição e construção da infância em relação ao conhecimento. Deve-se, pois, aproveitar os ensinamentos de Piaget, de fertilizar a própria genialidade inata na criança com os aspectos externos que Vygotsky tanto faz questão de explicitar ser necessário para construção do processo de aprendizagem da criança e, assim, Wallon se inteira da ferramenta indispensável às pessoas, com

intencionalidade de afetar o processo de construção de aprendizagem da criança, que afeta tanto o professor quanto o aprendiz, e se tornam suscetíveis ao sentimento, à emoção e à paixão, canalizando-os com as pragmáticas do ensinar.

AS RELAÇÕES AFETIVAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Para a ocorrência das relações afetivas, é indispensável um ambiente social, pois é onde haverá a apropriação e atribuição de significados para que se faça o compreender. As relações ocorrem nas atividades em conjunto, em que as construções da realidade se fazem em si e no outro distintamente. A criança se comunica com os outros em sua linguagem e assim ocorre a integração. A linguagem oral vai evoluindo aumentando seu vocabulário, porém vale ressaltar que elas se compreendem mesmo com um vocabulário simples, a construção da linguagem oral é vital para a criança nomear seus sentimentos de frustração, alegria e outros sentimentos próprios da idade infantil. É nesse processo de comunicação do abstrato com o concreto que se cria condições para uma evolução da comunicação subjetiva, levando a criança a começar a se entender como pessoa distinta de outras. Nesse processo, é comum ver a criança passar por um processo denominado egocentrismo, no qual tudo é para ele, ou dele.

A mediação do professor inicia com intervenção, utilizando-se do processo de afeiçoarem-se uns com outros, para, assim, criar um ambiente harmonioso. Esse é o primeiro passo da utilização do afeto, não como ferramenta de ensino e aprendizagem, mas de interatividade e união do grupo.

O mundo, para a criança, é interiorizado, transformando o seu olhar singular e individual. Quando se relaciona com os outros à sua volta, inicia a construção social e, conseqüentemente, a criança terá autonomia e a confiança para agir com suas próprias ações. Quando isto acontece, ela está exteriorizando os seus pensamentos e conhecimentos adquiridos. Nas relações sociais, o outro tem um papel muito importante na conquista do mundo físico. As relações afetivas são o alicerce para o papel social representado pelo ser humano, evidenciando a interação entre o homem, o mundo e outro.

As conexões afetivas despertam sentimentos e emoções com características evolutivas construtoras de identidade. Os aspectos racionais são diferentes dos aspectos emocionais. Porém, os teóricos como Jean Piaget, Wallon e Vygotsky utilizaram da intencionalidade de se interagir os dois aspectos para se formar um processo mais eficaz de aprendizado. Segundo Piaget (1962),

É incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e, conseqüentemente, perguntas ou

Configurações do Desenvolvimento Humano

problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na construção da inteligência (Piaget, 1962).

Piaget afirma que a importância do afeto na funcionalidade de desenvolver a inteligência, cria-se uma seguridade da sua necessidade para a constituição da inteligência. A infância é uma parte da fase da vida humana que passa muito rápido, porém sofre transformações devido a vários contatos pessoais, que podem ser dos familiares ou das pessoas que partilham do mesmo ambiente social. As características das crianças estão relacionadas ao contato com o adulto para uma seguridade de proteção. A afeição é um elemento que muitos autores atestam que são dutos que favorecem o processo do aprender. O afeto é atenção e respeito, porém é um processo pessoal que inicia o desenvolvimento desde as primeiras manifestações de vida.

A construção do afeto é o conhecimento e o conhecimento com o afeto transforma em aprendizado. No processo de Educação Infantil, a ampliação do conhecimento é favorecida ainda nos primeiros anos de vida. Nas primeiras semanas da vida escolar a criança revela uma sensibilidade afetiva. Quando a criança ainda é muito pequena, a influência de afetividade de pessoas em seu meio é muito intensa e constante e, por conta desse tratamento, é que a criança tem entrada no mundo simbólico. Quando a criança está inserida no meio social (lembrando que a primeira comunidade

social da criança é a sua família), ela logo apresenta aspectos de seu contexto e retira recursos para o seu desenvolvimento. É nas ações que a criança direciona a sua atenção para o mundo, explorando-o para alimentar suas experiências num nível abstrato e concreto e, dessa forma, criar um caminho seguro para o seu desenvolvimento.

Por vezes, as pessoas relatam que a criança desenvolveu-se mais após ser inserida no contexto escolar. Essa é mais um prova de que a interação social aliada ao relacionamento afetivo gerará um sujeito com capacidade de superar-se a cada dia.

A razão, aliada à afetividade, constrói um alicerce para a confiança, lealdade e o maior de todos os sentimentos, a proatividade em atender o que lhe for apresentado. Essa predisposição irá desnudar sentimentos variados que o professor atento poderá alimentar, essa fonte de desenvolvimento tão explícita. A vivência adquirida nas experiências da interação da criança com os adultos irá integralizar os aspectos emocionais e sociais. As atividades dos seres humanos vêm de uma força interior que, se estimulado com conhecimento e afetividade, irá ampliar o crescimento cognitivo da criança. E se utilizar o fornecimento dos meios de se obter conhecimento juntamente com a afetividade, mas não a afetividade de expressão de carinho, também, mas com o propósito de transformar, afetar o ser a quem o conhecimento está sendo apresentado.

A afetividade é um percurso que deve ser compreendido e usufruído por ambos (o ser emissor do afeto e o ser afetado), porque se beneficiam dos sentimentos variados que induzem a motivação e estimulam, além da interatividade e a unicidade que cada um pode exercer sobre o outro. Quando essa emoção aparece, já será explícito o crescimento intelectual. Logo os processos que envolvem o cognitivo e a afetividade darão frutos conforme a carência do sujeito, atribuindo-lhe o conhecimento. Essa carência está em todo ser humano, em qualquer esfera, e apresenta um elo muito forte que se alimenta da interação social. As respostas a essa carência configuram no desenvolvimento de sentimentos, aos que estão a sua volta e isso gera atitudes. O ponto mais alto dessa pesquisa: a atitude de se fazer construir o desenvolvimento da aprendizagem pela própria criança.

O EMPREGO DOS FATORES QUE EXPRESSAM A AFETIVIDADE O MEIO ESCOLAR

O ritmo do desenvolvimento infantil será determinado pelo suporte técnico que receberá, aliado ao suporte emocional e motivacional, que é o afeto. A afetividade é uma ferramenta que capacita tanto o emissor quanto o receptor que, em uma determinada situação ou hora, será o elemento unificador do processo de ensino-aprendizagem. Ao abordar o emprego dos fatores que serão utilizados, a afetividade, como canal motivador para o processo de comportamento no desenvolvimento da criança,

se deparou com o envolvimento sentimental de ambas as partes, mas vale lembrar que há uma linha a ser seguida, que é a de se utilizar a afetividade como facilitador no processo do ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, ocorrerão vínculos que facilitarão a comunicação entre as partes. Com base nesse pensamento, é vital o cuidado com os critérios que irão orientar as atitudes no processo de ensino-aprendizagem.

O meio didático é o primeiro fator a ser aplicado, para que o professor consiga expressar em ações a criança qual caminho percorrer. A primeira ação é a pesquisa que fundamentiza a estrutura do caminho e os métodos que podem facilitar o processo de ensino-aprendizagem. “O pesquisador sintetiza todas as unidades de significados transformados (...) em uma descrição consistente” (Almeida; Mahoney. 2007).

Essas descrições consistentes permitirão interpretar as situações que necessitam de intervenção ou estímulos. Assim, os resultados serão recorrentes do que as crianças realmente conseguiram desenvolver-se. Vale lembrar que os registros dos resultados são de muita importância, pois media e nivela o caminho a ser afetado na criança em situações posteriores.

A atuação do professor é primordial, pois é ele quem desempenha, de forma muito ativa o desenvolvimento social e cognitivo de seus alunos. Em consequência, essa atuação deve ser de um modelador que direciona, motiva, estimula, ou não, de forma

consciente as ações promovidas pela criança no decorrer do processo. Ao direcionar o caminho e as ferramentas a serem utilizadas pelo aluno, o professor segue o caminho traçado sob as informações adquiridas na pesquisa prévia formulada e, sequencialmente, como Almeida (2007) diz: “sinaliza, assim, para uma característica do professor motivador: querer encontrar o prazer no ensinar e no aprender, tornando a relação do aluno com o objeto do conhecimento menos dolorosa possível.”

Porém, ainda segundo a autora, há duas vertentes para o posicionalismo do professor e é vital que esteja atento para não ser um professor bloqueador. Em suas palavras, se torna, “na verdade, nas diversas formas de atuações do professor que se constitui e qualifica a relação que se estabelece entre aluno e o conhecimento” (Almeida; Mahoney, 2007). Essa relação, segundo o pensamento de Wallon, é que “a pessoa é uma totalidade, um conjunto resultante da integração dos conjuntos motor, afetivo e cognitivo” (Mahoney, 2000).

A função primordial do professor é proporcionar o caminho para o desenvolvimento da criança em todos os contatos do universo da sala de aula, mesmo porque a aprendizagem está ligada diretamente à interação entre todos os seres envolvidos no processo. O autoritarismo, ou a falta dele, não favorece um clima de reflexão ou de participação, então não acontece a interação.

A disciplina não pode nunca ser como um adestramento, mas a uma ordem unida de opiniões. Os alunos podem ajudar a formular as regras ou combinados, visando a participação de cada um e, nesse momento, atentar para a expressão do afeto no estudo de caso pra cada regra, viabilizando o entender do porquê e para quê das regras da harmonia do espaço comunitário da sala de aula.

O desenvolvimento infantil na sala de aula é de grande valia, e é indispensável que afetividade e a inteligência estejam ligadas e que sofram a interferência do meio social, para que se una e seja capaz de formar pessoas éticas, seguras, capazes de conviver com as diferenças e as igualdades de forma harmoniosa e, portanto, produtivas. A sala de aula é o ambiente em comum para todos, tanto alunos como professor, e se tornam uma comunidade, onde se constrói o conhecimento e estimula o desenvolvimento de habilidades, virtudes e consciências comunitárias. Quando se fala de afeto, quer dizer crescerem juntos, ajudarem-se mutuamente e, assim, investir em uma sociedade afetiva, na condição de afetar ou transformar a própria sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relacionamento que envolve o corpo docente e discente em um ambiente escolar é o fator de maior relevância para que obtenhamos uma resposta científica de que o afeto é um dos elos

que unem a capacidade, necessidade e conhecimento em aprender no processo de construção intelectual de uma criança.

A afeição se dá em várias formas, porém constata-se que é vital que a utilize no sinônimo de afetar os elementos que fazem parte do processo, ou seja, o aluno e o professor. Em síntese a busca pela compreender a afeição como elemento de consciência e racionalidade, se inteirando e contextualizando os três elementos que estruturam o afeto, que são a emoção, sentimento e a paixão.

Neste estudo, percebe-se que a visão de Wallon se faz necessária exatamente por direcionar as considerações hábeis do afeto aliadas ao conhecimento e à autonomia em construir do aluno.

É inegável que a mescla da visão importantíssima de Jean Piaget e singularidade da emoção de Wallon devam envolver-se no processo de aprendizado, para o qual é vital que os laços afetivos, ainda na formação fetal da consciência de uma criança e as fases estagiárias, nas quais o afeto se transforme no agente comunicador das primeiras abordagens de conhecimento que a criança irá construir para sua interação social e, a priori, a família gradativamente para com os mais próximos. Essas visões se sustentam nesse processo educativo e, conseqüentemente, facilitam e transformam o ambiente como ferramenta de aprendizado. Considera-se utilizar o afeto como o canalizador do conhecimento, fundamentando-se na confiança de assegurar-se de que os elementos, mecanismos, projetos, dinâmicas, são capazes de facilitar

o processo de aprendizagem e a construção da consciência e maturação infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida LRA, Mahoney AA (2014). Afetividade e aprendizagem. Contribuições de Henri Wallon. 4 Ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Gomes CAV, MELLO AS (2010). Educação escolar e constituição do afetivo: algumas considerações a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Florianópolis: Perspectiva.
- Gourlart IB (2005). Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor. 21 Ed. Petrópolis: Vozes.
- Mahoney AA (2000). Introdução. In: Henri Wallon – Psicologia e educação. São Paulo: Loyola.
- Piaget J (1983). A epistemologia genética. São Paulo: Abril Cultural.
- Piaget J (2011). Seis estudos de Piaget. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 25 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Piaget J (1962). A Relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança. 26(3).
- Vygotsky IS et al (2010). Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Tradução Maria da Pena Vilalobos. 11 Ed. São Paulo: Ícone.

Wallon H (1971). *As Origens do Caráter na Criança*. São Paulo:
Difusão Europeia do Livro.

SOBRE O ORGANIZADOR

Ezequiel Martins Ferreira

Doutorando do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais. Possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás, graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz e graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professor da Prefeitura Municipal de Goiânia, professor da Faculdade FAN Padrão, pesquisador da Universidade Federal de Goiás, Coordenador das Especializações em Psicopedagogia e Psicanálise/ Psicanálise e Saúde Mental pelo Instituto Self de Psicanálise e Psicólogo clínico - ênfase na Clínica Psicanalítica. Pesquisa nas áreas de psicologia, educação e teatro e nas interfaces fronteiriças entre essas áreas. E-mail: em.psi.edu@gmail.com

SOBRE OS AUTORES

Aline Ferreira Antunes

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Licenciada e Bacharel em História pela mesma universidade. Especialista em Metodologia do ensino de História e Geografia pela Faculdade de Educação São Luís. Desenvolve pesquisas sobre Histórias em Quadrinhos e Performances. Atua como docente na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). E-mail: ferreiraantunesaline@gmail.com

Alessandra Lacerda Nascimento

Pedagoga pela Faculdade FAN Padrão. E-mail:
lacerda.ale2016@gmail.com

Andressa Cardoso Carvalho

Pedagoga pela Faculdade FAN Padrão. E-mail:
andressa.cardoso939@gmail.com

Érica Sandoval Garcêz

Pesquisadora da Educação Básica, pelo programa de pós-graduação (Stricto Sensu) em Educação Básica Mestrado – PPGEEB/UFG, especialista em Neuropedagogia, Psicopedagogia e Gestão e Docência do Ensino Superior, graduada em Pedagogia. No Ensino superior atuei como docente nas disciplinas como Alfabetização e Letramento, Fundamentos e Metodologia do Ensino da Matemática, Trabalho de Conclusão de Curso, Estrutura e Fundamentos da Educação Básica, Estágio Supervisionado entre outras. Ainda no Ensino Superior atuo como coordenadora da Segunda Graduação em Pedagogia na Faculdade Fan Padrão, e servidora da Secretaria Municipal de Educação. E-mail: ericagarcezxp@gmail.com

José Leonardo Rodrigues de Souza

Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador, Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário de Jales – UNIJALES, especialista em Docência do Ensino Superior, Gestão Escolar e Educação Inclusiva pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura-FABEC, e especialista em Ensino Religioso, de Filosofia e Sociologia pela faculdade Venda Nova do Imigrante. E-mail: leonardosec@hotmail.com

Luana Gabriela Chaves

Pedagoga pela Faculdade FAN Padrão E-mail:

luanachaves98@hotmail.com

Mariane Ribeiro Silva

Pedagoga pela Faculdade FAN Padrão. Pós-graduanda em Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia pela HBF. Atualmente está como professora na Rede Particular de Ensino do Município de Senador Canedo. E-mail: ribeiromariane032@gmail.com

Marly Dos Passos Da Silva

Pedagoga pela Faculdade FAN Padrão. Graduada em Letras, pela UNEC, pós-graduanda em Letras e Literatura brasileira pela INE. Atualmente está como professora na Prefeitura Municipal de Goiânia, atuando na Educação Infantil. E-mail: marlypassos21@hotmail.com

Rosimere Campos Da Costa

Pedagoga pela Faculdade FAN Padrão. Pós-graduanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela INE. E-mail: rosyncampos2008@hotmail.com

Weliton Carrijo Fortaleza

Pedagogo, Historiador, Teólogo. Mestre em Ciências da Religião/Educação, pós-graduado em Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Inclusiva, Psicanálise, Filosofia Geral e bacharelado em Psicologia. Professor na área de Filosofia, Sociologia, Antropologia, Teologia e História da Educação. E-mail: welitoncf@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

afetividade, 7, 42, 43, 44, 45,
46, 47, 48, 49, 50, 51, 52,
58, 59, 63, 64, 66, 71, 72,
76, 77, 79, 80, 81, 83, 84,
95, 98, 99, 100, 103, 105

alfabetização, 7, 23, 69, 70,
107, 108, 110, 111, 113,
114, 117, 118, 119, 120,
121, 122, 123, 125, 129,
130, 132, 155

aluno, 12, 20, 23, 30, 38, 76,
77, 78, 79, 80, 82, 86, 102,
104, 122, 135, 141, 143,
144, 154, 155, 162, 167,
170, 171, 172, 177, 183,
186, 190

ambiente, 19, 33, 35, 36, 37,
38, 39, 49, 56, 64, 65, 67,
76, 77, 78, 84, 88, 89, 90,
96, 97, 98, 103, 104, 109,
126, 134, 135, 143, 144,
145, 146, 150, 152, 153,
183, 186, 191

anos iniciais, 107, 119, 120,
130, 133

aprendizagem, 7, 18, 21, 30,
54, 55, 56, 57, 69, 71, 74,
76, 77, 79, 80, 83, 84, 86,

87, 90, 91, 92, 95, 96, 97,
100, 101, 102, 105, 108,
109, 110, 111, 114, 115,
117, 118, 120, 121, 124,
126, 129, 135, 141, 142,
143, 149, 152, 155, 162,
166, 169, 170, 172, 176,
177, 178, 182, 184, 186,
187, 188, 190, 193

autonomia, 22, 47, 57, 67, 78,
81, 86, 92, 97, 104, 120,
133, 135, 136, 145, 148,
149, 150, 155, 157

C

cidadão, 8, 118, 119, 120,
161, 162, 163, 171, 174
conhecimento, 18, 23, 32, 37,
45, 49, 68, 69, 71, 72, 76,
77, 78, 80, 83, 89, 90, 91,
92, 94, 95, 98, 99, 100, 102,
103, 104, 107, 111, 115,
116, 118, 120, 121, 123,
127, 128, 130, 131, 134,
136, 140, 141, 142, 143,
144, 150, 154, 155, 156,
161, 162, 163, 167, 168,
169, 171, 172, 173, 174,
177, 189

Configurações do Desenvolvimento Humano

contação de histórias, 7, 12,
13, 25, 26, 28, 30, 35, 36,
37, 38, 39

criança, 8, 12, 13, 15, 16, 17,
18, 19, 20, 21, 22, 23, 24,
25, 26, 27, 28, 29, 30, 31,
33, 34, 36, 37, 38, 39, 42,
43, 44, 46, 47, 48, 49, 50,
51, 52, 53, 56, 58, 60, 62,
63, 64, 66, 67, 68, 69, 70,
71, 72, 73, 74, 76, 77, 78,
79, 80, 83, 84, 85, 86, 87,
88, 89, 90, 91, 92, 93, 94,
95, 96, 97, 98, 99, 100, 101,
102, 104, 105, 107, 108,
111, 112, 113, 114, 115,
117, 118, 119, 120, 121,
124, 125, 126, 127, 128,
129, 134, 135, 136, 137,
138, 139, 140, 141, 142,
143, 145, 146, 147, 148,
149, 150, 151, 152, 153,
154, 155, 156, 157, 158,
159, 160, 176, 177, 178,
179, 181, 182, 186, 189,
190, 191

D

desenvolvimento, 2, 4, 7, 12,
13, 14, 15, 16, 17, 18, 19,
20, 21, 23, 24, 25, 26, 27,
29, 31, 32, 36, 37, 38, 40,
42, 43, 44, 45, 46, 47, 48,

49, 50, 51, 52, 53, 54, 55,
56, 58, 59, 61, 62, 63, 64,
66, 67, 68, 69, 70, 71, 72,
74, 76, 77, 78, 79, 80, 82,
84, 88, 90, 91, 92, 95, 98,
99, 100, 101, 102, 103, 105,
114, 115, 119, 121, 125,
133, 134, 135, 137, 138,
139, 140, 142, 144, 145,
146, 147, 148, 151, 153,
154, 157, 169, 170, 181,
183, 185, 187, 190

desenvolvimento infantil, 7,
12, 14, 15, 17, 20, 24, 29,
36, 42, 70, 84, 91, 100, 103,
133, 138, 144, 145

E

Educação, 4, 5, 7, 8, 12, 13,
16, 17, 19, 20, 21, 23, 24,
32, 37, 39, 40, 42, 43, 44,
52, 53, 54, 55, 56, 57, 59,
60, 62, 63, 65, 67, 68, 69,
70, 71, 72, 73, 74, 80, 83,
84, 92, 94, 98, 105, 108,
119, 121, 131, 134, 140,
148, 149, 158, 159, 160,
161, 163, 164, 165, 166,
173, 174, 194, 195, 196

Ensino, 5, 31, 40, 44, 59, 73,
107, 119, 121, 129, 131,
149, 195, 196

Configurações do Desenvolvimento Humano

escola, 36, 42, 53, 65, 66, 70,
76, 78, 90, 91, 115, 118,
119, 120, 121, 124, 134,
136, 140, 142, 143, 144,
147, 150, 151, 152, 155,
157, 160, 162, 163, 165,
167, 168, 170, 172, 173,
174, 177, 178, 179, 180,
182, 183, 185, 193

F

formação, 5, 6, 8, 13, 17, 20,
24, 25, 26, 29, 31, 40, 45,
46, 48, 53, 54, 66, 73, 89,
104, 115, 118, 119, 125,
130, 131, 152, 155, 161,
162, 163, 165, 166, 168,
169, 174, 187, 188

H

História em Quadrinhos, 107
HQs, 7, 107, 108, 109, 110,
122, 123, 124, 126, 128,
130, 131, 132

L

leitores, 13, 30, 31, 37, 110,
123, 124, 128

letramento, 107, 108, 114,
115, 116, 117, 118, 119,
122, 129, 132
liberdade, 62, 133, 134, 135,
136, 145, 146, 147, 148,
150, 152, 154, 155, 157,
160, 165

M

música, 6, 7, 22, 42, 43, 44,
58, 59, 60, 61, 62, 63, 64,
65, 66, 67, 68, 69, 70, 71,
72, 74, 75

P

prática pedagógica, 8, 22,
176, 177, 187, 191
Professor, 171, 174, 176, 192,
196

T

TDAH, 8, 176, 177, 178, 179,
181, 182, 183, 184, 190,
191

ISBN 978-658831940-6



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

